



«Uccellacci e Uccellini», a antevisão de uma nova poética cinematográfica

«Jamais publiquei de modo tão vulnerável, tão uelicado e tão reservado, um filme como *Uccellacci e Uccellini*. Não apenas êle não se parece com meus filmes precedentes como também não se assemelha a nenhum outro filme». Pier Paolo Pasolini, discutido poeta, cenarista e realizador de *Accafone*, *Mamma Roma* e *Il Vangelo Secondo Matteo*, um marxista que vê no futuro imediato do cinema uma linguagem de poesia, que romperá com a narração teatral clássica, «inaugura com êste filme um gênero sem precedentes», na exclamação de Jacques Bontemps. Se as ressonâncias das obras anteriores são inumeráveis, *Uccellacci* vai mais longe, na direção mais perigosa talvez, também a mais bela: a de um cinema de idéias. (...) O admirável na tentativa de Pasolini é que, graças à força poética de suas imagens, êle consegue comunicar uma vida real à natureza na qual se desdobra o filme e aos personagens que, a princípio, só tinham a existência dissecada dos conceitos».

Com a palavra Pasolini: «Não digo que *Uccellacci* seja diferente devido à sua originalidade — seria presunção minha — mas por causa de sua fórmula, que é a de uma fábula, com seu sentido secreto. Um conto que, como todos, consiste em uma série de provas que os heróis devem vencer. Meus heróis, não obstante, nada têm a receber como

## 5

Pasolini

### “UCCELLACCI E UCCELLINI”

recompensa depois de tê-las vencido: nem rainha, nem princesa. Só lhe resta enfrentar outras provas. Nenhuma fábula propriamente dita termina assim! Por outro lado, quanto ao ambiente e aos personagens, trata-se de um conto picaresco: as experiências «ao nível da rua» de dois pobres diabos. Mas o picaresco é, em si, uma ideologia. Em troca, minha fábula encontra sua ideologia fora do picaresco e precisamente em alguma coisa que contradiz pro-

fundamente toda a poética picaresca. A fábula que termina como não deve terminar, o picaresco que não diz o que deve dizer: eis aí dois motivos de decepção».

«Pietro Bianchi, acerca de meu livro «*Uccellacci e Uccellini*» falou de uma densidade interior do autor, da queda do vento impetuoso da minha juventude. Talvez o vento tenha deixado de soprar, mas o que lhe aconteceu, não foi certamente uma calmaria. Jamais me expus tanto ao risco quanto nesse filme. Nunca abordei um tema tão explicitamente difícil: a crise do marxismo da Resistência e dos anos 50 — poéticamente situado antes da morte de Togliatti — vista de seu interior por um marxista; mas um marxista que não está totalmente disposto a acreditar que o marxismo se transfigurou. (O bom corvo diz: «Não choro pela morte das minhas idéias porque certamente alguém virá erguer a minha bandeira e levá-la adiante. É por mim mesmo que choro».) Acredito, com muita fé, que o meu filme é puro, mesmo que me aborrega com os críticos e os amigos quando afirmam ser o melhor que já realizei».

— P. R. B.

(Notas redigidas por Paulo PERDIGÃO, P. R. BROWNE, Alfredo STODHART e Felipe LEVY).